



# Gabriel García Márquez, literatura e psicanálise

*Rosangela Costa\*, Porto Alegre*

*O artigo trata da obra de Gabriel García Márquez, Cem anos de solidão. A fantasia e o realismo maravilhoso são trazidos entrelaçando-os com conceitos da psicanálise. A passagem de geração a geração da história da família Buendía é abordada, bem como curiosidades sobre o estilo e a vida deste escritor.*

*Palavras-chaves: Gabriel García Márquez, Cem anos de solidão, literatura, psicanálise, gerações, solidão, tristeza.*

---

\* Psicóloga e membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



“Aproveite para chorar tudo que você quiser’,  
disse o médico, com sua voz adormecedora.  
‘Não existe melhor remédio que as lágrimas’”  
(Gabriel G. Márquez, 1992).

Escrever sobre Gabriel García Márquez nos remete, obrigatoriamente, à premiada obra *Cem anos de solidão*. Há outras: *O amor nos tempos do cólera*, *Memórias de minhas putas tristes*, *A incrível e triste história de Cândida Enrêndira e sua avó desalmada*, *Crônica de uma morte anunciada*, *Do amor e outros demônios*, *Doze contos peregrinos*, *Viver para contar e mais* artigos e publicações em jornais e revistas.

A força primeira desta obra reside em, através do realismo maravilhoso – narrativa que, em um mundo verossímil, lógico, racional, introduz o inverossímil, o ilógico, o irracional, por exemplo, o tapete voador dos ciganos, as sucessivas ressurreições de Melquíades, sem que este inverossímil seja questionado, ao contrário, se integre na essência dessa narrativa –, despertar emoções em todo leitor. Além de abordar temas universais (a solidão, o incesto) seu estilo possibilita um *faz de conta* que fala sério sobre características latino-americanas decisivas.

Os *cem anos de solidão* do título referem-se ao cerne da obra: a circularidade, a incapacidade de romper com o círculo da irracionalidade, de aprender com a experiência das várias pestes que, ao longo de quatro gerações da família Buendía, assolam Macondo, entre elas a peste da memória que possibilita o autoconhecimento e, portanto, a ruptura do círculo. Essa incapacidade tem a ver com a peculiaridade do vazio nos olhos e o silêncio no coração de seus personagens.

Nas quatrocentas páginas de *Cem anos de solidão*, García Márquez escreve a história de quatro gerações da família Buendía fundadora de uma comunidade, Macondo. Simultaneamente, o autor representa, através de ambas, a história da América Latina e suas insuficiências econômicas, sociais e políticas.

O termo circularidade resume a obra quanto ao tempo, ao espaço, às personagens e suas ações. Quanto ao tempo, este leva à repetição dos mesmos comportamentos: os Buendía se reproduzem sempre através de relações incestuosas, uniões ora entre primos, ora entre tias e sobrinhos, ora entre parceiros com grandes diferenças de idade (substitutos de irmão ou de pais), ou seja, movem-se em círculo – a própria Macondo é rodeada de água por todos os lados – na direção da decadência final, quando a cidade e os últimos de seus membros, a criança com rabo de porco, símbolo de degradação/animalização e o pai/leitor dos pergaminhos, são varridos por um furacão bíblico enquanto este lê os



manuscritos que contêm a história da família e de Macondo, escritos por Melquíades, ao longo dos cem anos do título.

O livro abre-se com um gênese e fecha-se com um apocalipse. Observe-se como esta abertura sugere um espaço paradisíaco recém criado:

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo. (Márquez, 2003, p. 7).

A história inicia com o amor entre dois primos, Arcádio e Úrsula, que crescem juntos em outro espaço, casam-se apesar da oposição da família, porque um dos antepassados nascera com rabo de porco, já um sinal do risco latente nas ligações parentais. Úrsula une-se a José Arcádio Buendía, porém se recusa a consumir a união por medo da profecia. O marido, ridicularizado por um conhecido, Prudêncio Aguilar, o mata. A culpa pelo crime os leva a buscarem outro lugar e a fundarem Macondo, acompanhados de outros pioneiros.

O espaço fechado de Macondo, que de início vive de economia rural, é visitado apenas por um grupo de ciganos liderado por Melquíades. Este carrega consigo mapas, lupas, astrolábios, objetos que fascinam o patriarca, visionário e apaixonado pelas ciências exatas (descobre através desses instrumentos que a terra é redonda) com os quais José Arcádio quer ligar Macondo com o mundo. Isto é alcançado parcialmente por Úrsula, que sai à procura do filho, José Arcádio, que fugira atraído pelos ciganos de Melquíades. Úrsula regressa meses depois trazendo consigo um grupo de novos pioneiros, dessa vez comerciantes, que vão introduzir Macondo em novo ciclo, da urbanização e do pequeno comércio. Lá adiante será a vez da *American Fruit*, a Companhia Bananeira, administrada por americanos do norte numa alusão clara ao então controle dos Estados Unidos sobre a América latina.

Os personagens centrais da primeira parte são, pois, José Arcádio Buendía, a esposa Úrsula, os seus filhos José Arcádio, Aureliano e Amaranta. A esses junta-se a menina Rebeca, órfã, sobrinha de José Arcádio e de Úrsula, adotada como filha pela família. Somam-se Melquíades, o cigano alquimista que morre e ressuscita ciclicamente e a prostituta Pilar Ternera, fundadora de um bordel, leitora



de cartas e autora da profecia relativa aos Buendía: o primeiro morrerá preso (porque enlouquece) a uma árvore, o último, devorado por formigas.

Pilar, tão importante quanto Melquíades – acompanha a saga dos Buendía até seu desenlace – é também a responsável por outra situação ligada ao incesto: mais velha que os dois irmãos, ela os inicia na sexualidade em meio a fantasias de estarem copulando com Úrsula. A salientar que os dois filhos homens se dividem os traços do pai, o repetem: José Arcádio filho tem sua força e impulsividade, Aureliano, sua lucidez, embora calado e solitário. Sobre as relações incestuosas, em círculo, e suas consequências, leia-se a citação abaixo:

Eram primos entre si. Tinham crescido juntos na antiga encosta que os antepassados de ambos haviam transformado com trabalho e bons costumes num dos melhores povoados da província. A pesar do casamento deles ser previsível desde que vieram ao mundo, quando expressaram a vontade de se casar, os próprios parentes tentaram impedir. [...] Já existia um precedente tremendo, uma tia de Úrsula, casada com um tio de José Arcádio Buendía, teve um filho que passou toda a vida de calças larguíssimas e frouxas, e que morreu de hemorragia depois de ter vivido quarenta e dois anos no mais puro estado de virgindade, porque nascera e crescera com uma cauda gelatinosa em forma de saca-rolha e com uma escova de pelos na ponta [...]. (Márquez, 2003, p. 24).

Aureliano José, por sua vez, se enamora da tia, Amaranta em uma relação frustrada, chegando a propor-lhe casamento. E José Arcádio filho, ao voltar para Macondo, depara-se com Rebeca, prima e irmã, a essas alturas já adulta, por quem se apaixona e com quem se casa apesar da oposição de Úrsula. O incesto permanece como uma constante até a última união. Numa Macondo já degradada, povoada mais de bordéis do que de casas de famílias, Aureliano Babilônia (nome alusivo a caos) enamora-se de sua tia Amaranta Úrsula, bisneta da matriarca original e sobrinha neta da primeira Amaranta (cujos nomes repete). Ambos geram o derradeiro descendente no qual a segunda profecia se consuma: nasce um menino com rabo de porco. Enquanto a mãe se esvai em sangue e o pai sai em busca de socorro, a criança, já morta é carregada pelas formigas que tomam conta da casa dos Buendía. Aureliano Babilônia lembra-se dos manuscritos em versos sânscritos, que aprendera a decifrar, começa a lê-los para ter acesso ao todo da história da família, enquanto isso um vento progressivamente forte, o apocalipse, na forma de furacão bíblico referido no início, varre o que resta de Macondo e dos Buendía:



Entretanto, antes de chegar ao verso final, já tinha compreendido que não sairia nunca daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) – mais uma alusão à circularidade – seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilônia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que estava escrito neles era irrepetível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra (García Márquez, 1970, p. 364).

Neste sentido, pode-se pensar em abrir outro vértice para abordar o transgeracional, ou seja, trazer ideias da psicanálise das configurações vinculares. Em relação a *Cem anos de solidão* e à psicanálise, penso na importância de citar o valor da consanguinidade na passagem de geração a geração, como é forte para o grupo familiar humano o sangue, suas relações e conflitos na parentalidade e transgeracionalidade. Sobre este tema podemos trazer o trabalho de Freud na carta 52, no qual afirma que nosso psiquismo se forma por um processo de estratificação e explica o fato de que algo das psiconeuroses se mantém sem tradução no aparelho psíquico e pode trazer consequências:

[...] cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consome as vias abertas nessa época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada região onde ainda vigoram os *furos* estamos em presença de sobrevivências [...] (Freud, 1960, p. 283).

Gomel (1997), referindo-se à retranscrição psíquica e à cena familiar quando valoriza os acontecimentos com relação à ideia de anacronismo de Freud, ao trabalhar este material sob a luz do transgeracional, refere que estes *furos* podem aparecer como vestígios de um modo de funcionamento de um sujeito pelo fato de este sujeito ignorar a forma de se transmitir do seu grupo familiar. Ensina a qualidade do irrepresentável, que se liga de diferentes formas na rede dos afetos e na relação com que seus vínculos familiares, que poderão reaparecer, por estarem soltas, desligadas, através de uma ligação nociva capaz de gerar situações traumáticas em outra geração:

O campo vincular cria as condições de emergência ou de sepultamento para a possibilidade de retranscrição do aparato psíquico de um sujeito, e



as modalidades familiares de renúncia pulsional ao gozo impossível do objeto endogâmico demarcam o itinerário da perda necessária para armar o mundo representacional (Gomel, 1997, p. 69, tradução do autor).

Por exemplo, a relação do vínculo do casal está impressa em todo sujeito, portanto os valores intercambiais sempre envolvem a consanguinidade. Todo casal, até os dias de hoje, sofre sentimentos de ambivalência com relação ao casamento, suscitados pelo fato de a mulher sair de sua família de origem para outro grupo desconhecido. Cada um quer defender da melhor maneira os afetos construídos na sua família e com os seus. A saída da família de origem é a saída da relação endogâmica para a exogâmica, tão importante ao crescimento individual, familiar e cultural.

Desde a *Bíblia* aparece a figura de Abraham, já de adiantada idade, que vai buscar uma esposa para Isaac fora da terra dos cânones onde sempre viveu. Nesta época é trazida Rebeca pelo enviado de Isaac, Aram. Rebeca, ao receber a notícia de ter sido a eleita, corre para contar ao irmão, Laban. A mulher na *Bíblia*, portanto, já aparece como valor de intercâmbio. O irmão de Rebeca diz: “[...] a filha ficará conosco uns dias, por exemplo, dez. Logo se irá (Gn, 24.67)” Berenstein (1996, p. 27).

Todo relato histórico marca acontecimentos. Com a passagem do tempo adquire caracteres míticos. A *Bíblia*, literatura universal, é escolhida porque, ao mesmo tempo que nos apresenta a origem, proporciona recontar a história e a possibilidade de pensar a *posteriori*. Berenstein (1991), sobre este desejo de pertença do humano, acrescenta que todo ser humano, em determinado momento de seu desenvolvimento, necessita confrontar-se com seu grupo. Fato comum observado no grupo familiar são crianças que perguntam: De onde vim? Sou mesmo teu irmão? Qual minha história? De quem sou filho? Como tudo começou? O anacrônico nas famílias traz à tona os processos singulares de cada grupo.

Os afetos estão envolvidos nessa origem de cada um, entre outros elementos o forte sentimento de pertencer a um grupo é um desejo humano universal. Esse desejo aparece no passado, no futuro, na vida cotidiana, em todo grupo social. Com o nascimento de cada novo membro, este movimento geracional movimenta o afetivo e, através da palavra, este grupo dará um rumo natural e cultural para este novo vínculo: [...] “Cada um é um Adão e uma Eva, como primeiro casal, deu nascimento ao mundo. Em outra versão, à maneira de *Deus*, criar-se-iam a si mesmos e ao casal” (Puget & Berenstein, 1993, p. 4).

A psicanálise tem seu discurso para quando se fala de perdas e do desespero frente a essa. A cada sessão o fato novo construirá um novo significado, com o



paciente individual no divã, ou o paciente casal, ou a família, uma nova trama para lidar, aqui neste exemplo, com a perda que provoca a solidão advinda da tristeza. Assim, o tempo é fundamental e somente através do tempo será possível criar e recriar novos significados. O ser humano e a sua dualidade andam juntos.

Podemos imaginar a tristeza pela perda de um membro de uma família que não pode ser verbalizada no grupo familiar devido à força da pessoa em vida e seus vínculos. Poderá aparecer, por exemplo, este conteúdo como um mito ou no papel de herói. O silêncio carrega, em algumas situações, a transmissão silenciosa *de uma certa* tristeza para outras gerações, produzindo sintomas nos pertencentes àquele grupo. E assim, cada membro da família inscreve-se na vida psíquica de cada um e na memória do outro. No nascimento de cada novo membro da família estarão contidas, inevitavelmente, marcas da sua rede identificatória. O que será transmitido de geração a geração, inconscientemente será *jogado* no social, este social o devolverá às famílias e assim acontecerá em sucessivos movimentos de produção humana.

Freud (1960) já estuda a transmissão da vida psíquica de geração a geração em seus trabalhos, porém, na psicanálise das configurações vinculares, encontramos Kaës (2001), que enfatiza a sujeição do sujeito aos conjuntos dos quais ele procede, sejam família, ou grupo, ou instituições de massa:

Neste conjunto que recebe a criança, que a nomeia, que terá sonhado com ela, que nela investe, que lhe fala, o sujeito do grupo se torna sujeito falante e sujeito falado, não somente pelo efeito da língua, senão pelo efeito do desejo dos que – como antes de tudo a mãe – se fazem também porta-vozes do desejo, da proibição, das representações de conjunto’, ou seja, ocorrem inúmeras ações psíquicas que fazem com que o sujeito, em seu inconsciente, perceba uma necessidade dupla: de ‘ser pai para si mesmo, seu próprio fim’ e também de ser ‘o elo de uma cadeia à qual está submetido sem a participação de sua vontade. (Kaës, 2001, citado por Trachtenberg *et al.*, 2005, p. 24).

*Totem e tabu* de Freud (1913) é material de investigação profunda das relações do sujeito e das questões da transmissão intergeracional. Assim como os aspectos narcisistas da transmissão entre gerações – transmissões cujas modalidades estão alicerçadas em alianças, pactos e contratos inconscientes.

Trachtenberg *et al.* (2005), psicanalistas, citam Kaës (2001), que expressa a relevância desta investigação:



O inelutável é que somos postos no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo e que nossa pré-história nos faz, muito antes do nascimento, o sujeito de um conjunto intersubjetivo cujos sujeitos nos têm e nos sustentam como os servidores e herdeiros de seus ‘sonhos e desejos irrealizados’ de suas repressões e de suas renúncias na rede de seus discursos, de sua fantasia e de suas histórias. De nossa pré-história tramada antes de nascermos, o inconsciente nos terá feito contemporâneos, porém só chegaremos a ser pensadores com a presença do outro e também pela via da ressignificação. Essa pré-história, de onde se constitui o originário, está arraigada à intersubjetividade (2005, p. 25).

### **Algumas curiosidades sobre Gabriel García Márquez**

Martin (2010), biógrafo, apresenta a inesquecível mistura que García Márquez faz de Úrsula com sua mãe, Luísa, mistura de mulheres de espírito prático e de bom senso, que o pai, Gabriel Elígio, jamais conseguiu desenvolver.

O sempre indiscreto Gabriel Elígio o discutiria numa entrevista em 1969, logo depois que seu filho ficou famoso: ‘Ele teve como que uma esquizofrenia, com terríveis ataques de raiva e coisas parecidas. Uma vez jogou um tinteiro em um dos padres, um jesuíta muito conhecido. Então eles escreveram para dizer que achavam que eu deveria tirá-lo da escola, o que fiz.’ Surgiu um rumor na família de que Gabriel Elígio tivera a intenção de trepanar a cabeça de seu filho ‘no lugar onde sua consciência e memória estavam localizadas’, e que somente a ameaça de Luísa de tornar o plano público o impedira (Martin, 2010, p. 109).

Era difícil a relação com o pai, que, além disso, viajava muito. Sempre que escolhia algum destino, partia antes da família. Ele acabava de construir uma relação, ainda meio distante com o filho Gabriel, quando este descobre ter dois irmãos ilegítimos, Abelardo e Carmem Rosa. Luísa, sua mãe, os registra como seus. Sempre sério, embora popular, Gabriel García Márquez carrega em si a experiência de ter vivido em uma cidade como Aracataca (Macondo) que faz as pessoas rirem. Cidade que até hoje tem um grande número de analfabetos e onde viveu intensamente sua época. Os críticos literários tendem a classificar esta obra, *Cem anos de solidão*, de ficção modernista, talvez por ser o único romance que, entre 1950 e 2000, foi lido pelo mundo todo e tornou-se *globalizado*. O bom





humor de García Márquez aparece no comentário do biógrafo, Martin: “Ora, bem, suponho que todo escritor respeitável devesse ter um biógrafo inglês” (Martin, 2010, p. 22). □

## Abstract

### **Gabriel García Márquez, literature and psychoanalysis**

The focus of this article is on Gabriel García Márquez's work, *A hundred years of solitude*. Phantasy and fantastic realism are brought forward interweaving concepts of psychoanalysis. The passage, from generation to generation, the history of the Buendía family are approached, as well as some curiosities on the style and life of this writer.

Keywords: Gabriel García Márquez, *A hundred years of solitude*, literature, psychoanalysis, generations, solitude, sadness.

## Resumen

### **Gabriel García Márquez, literatura y psicoanálisis**

El artículo trata de la obra de Gabriel García Márquez, *Cien años de soledad*. La fantasía y el realismo mágico son traídos entrelazando conceptos de psicoanálisis. El pasaje de generación a generación, la historia de la familia Buendía son tratados, así como algunas curiosidades sobre el estilo y la vida de ese escritor.

Palabras clave: Gabriel García Márquez, *Cien años de soledad*, literatura, psicoanálisis, generaciones, soledad, tristeza.

## Referências

Berenstein, I. (1991). *Psicoanálisis de la estructura familiar*. México: Paidós, 2001.

Freud, S. (1913). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: edição standart brasileira. (Vol. XIII – Totem e Tabu e outros trabalhos). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1960). Carta 52. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 281-283), Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Gomel, S. (1997). *Transmisión generacional, familia y subjetividad*. Buenos Aires: Lugar.



Rosangela Costa

---

Martin, G. (2010). *Gabriel García Márquez: uma vida*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Márquez, G. G. (1992). *Doze contos Peregrinos*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

\_\_\_\_\_. (2003). *Cem anos de solidão*. São Paulo: O Globo.

Puget, J., Berenstein, I. (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes médicas.

Trachenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Chen, V. D. M., Mello, V. M. H. P. de. (2005) *Trançeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em 20/05/2013

Aceito em 29/05/2013

Revisão técnica de **Nazur Aragonez de Vasconcellos**

**Rosangela Costa**

Rua dos Andradas, 1646/72

90200-000 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: [costa.rosa@terra.com.br](mailto:costa.rosa@terra.com.br)

© Revista de Psicanálise – SPPA